

Thugs: Vítimas e/ou Agentes da Violência?

Redy Wilson Lima¹

Resumo: Este artigo pretende analisar a reacção violenta verificada nos últimos anos nos jovens auto-proclamados *thugs* para com a sociedade praiense, identificando-os como um movimento associativo juvenil, relacionados a actos delinquentes, ancorados nas reorganizações sociais resultantes da individualização social de uma sociedade contemporânea com características híbridas. Analisa-se o agrupamento dos jovens em *gangs*, reproduzindo características tribais urbanizadas onde a violência aparece como um meio possível de reivindicação social, fazendo tremer os alicerces sociais instituídos.

Palavras-chave: jovens, associativismo juvenil, violência juvenil

Introdução

Em 2006 no âmbito de uma investigação académica sobre as crianças em situação de rua, deparamos com um fenómeno em processo de institucionalização que alterou por completo o modo de vida dos praienses e a forma como lidam com a segurança urbana. Na necessidade de fazer uma melhor leitura sobre a realidade das crianças que passam a maior parte do tempo na rua e tentando fugir aos chavões importados de realidades sociais diferentes, para melhor explicar realidades contextualizadas num tempo e num espaço específico, criamos uma tipologia onde identificou-se cinco tipos de situações² em que as crianças se encontravam relativamente à distância familiar e ao controlo. Perante isso, despertou-nos a atenção um grupo específico que em relação à família encontrava-se a uma distância relativa, dado que, estavam inseridos numa unidade familiar apesar de passarem a maior parte do tempo incrustados nas imediações dos bairros onde residem, controlados pelos grupos de pares, cometendo actos considerados desviantes.

Os relatos sobre acções de grupos de jovens delinquentes não são uma novidade na Cidade da Praia, visto que nos anos 80 do século passado já existiam grupos de jovens

¹ Investigador do Centro de Pesquisas e Estudos Avançados (CEPEA) da Universidade de Santiago e professor na Universidade de Santiago e no Instituto Superior das Ciências Jurídicas e Sociais.

² Auxiliares nos mercados informais de rua – filhos das rabidantes; abertos à institucionalização da delinquência - crianças desprotegidas nos bairros de origem; institucionalização da delinquência – crianças associadas a grupos delinquentes: *thugs*; institucionalização da rua como meio de vida sem ruptura – trabalhadores infantis; e profissão rua – crianças trabalhadoras autónomas: “crianças de rua”.

conhecidos como “piratinhas” que praticavam pequenos delitos. Posteriormente, no início dos anos 90 do mesmo século jovens residentes na linha Achada Grande Frente/Lém Ferreira criaram um grupo denominado “netinhos de vovó”³ que actuavam nas imediações do Parque 5 de Julho, principalmente quando decorriam eventos culturais. O surgimento de jovens auto-proclamados *thugs* traz à baila uma redefinição do fenómeno da violência juvenil, tornando, desta feita, a violência urbana num problema social em meados dos anos 2000.

Este termo importado dos *ghettos* norte-americanos é apropriado pelos jovens desafiliados, numa perspectiva de valorização do que é estrangeiro, como é habitual, na busca de uma afirmação pessoal e social, não se preocupando, por um lado, com o significado pejorativo que está subjacente a ele e por outro lado, deturpando a carga filosófico-política de reivindicação político-social que antecedeu o movimento *Thug Life*.

Sendo assim, iremos ao longo deste artigo buscar compreender as razões de fundo do problema, caracterizando os seus intervenientes, apresentando possíveis desencadeadores do fenómeno, encarando-os como uma tribo urbana com características de uma associação juvenil.

1. Desigualdade Social, Pobreza Urbana e Jovens

A sociedade cabo-verdiana passou, ao longo da sua história, por uma série de mudanças estruturais. Inicialmente uma sociedade escravocrata, depois colonizada. Com a independência nacional em 1975 passou a um regime socialista/comunista⁴ que teve o seu término em 1991 com a realização das primeiras eleições democráticas, mudando assim para um regime que se pode chamar de capitalista ou semi-capitalista, uma vez que se optou por uma estratégia de crescimento económico baseado no sector privado, principalmente estrangeiro, com privatizações de algumas das maiores e mais rentáveis empresas públicas. A passagem de um sistema para outro foi marcada por relações que

³ Esta denominação é explicada segundo duas versões diferentes, uma relacionando-os ao estilo *rude boy* jamaicano patente no grupo *reggae* com o mesmo nome. A outra refere a uma determinada idosa que mantinha uma relação maternal com esses jovens a quem chamavam de vovó e para a qual “trabalhavam”.

⁴ Convém salientar que o sistema político cabo-verdiano no período 1975-1990 foi de orientação marxista, embora muitos intelectuais socialistas no país rejeitem a denominação comunista, argumentando que o marxismo implementado em Cabo Verde “não foi tão violento” do ponto de vista conceptual como noutras paragens.

se reproduziram através de tensões, conflitos e consensos entre os agentes que se foram posicionando no espaço social conforme os seus interesses individuais e/ou colectivos.

Essas mudanças trouxeram avanços económicos importantes para um segmento da população, relegando outros para segundo plano, obrigando-os a buscar vias alternativas de sobrevivência e afirmação pessoal e social.

Segundo o DECRP⁵ (2004), a segunda metade dos anos 90 foi marcada por um elevado ritmo de crescimento económico, cerca de 8,4% de média anual, mas, não obstante esta situação, a pobreza continuou a afectar mais de um terço da população do país. A nível da desigualdade social, o relatório de 2004 sobre os objectivos do milénio para o desenvolvimento de Cabo Verde mostra um país desigual, principalmente quando comparado com outros países com o mesmo nível de rendimento⁶, uma vez que o Índice de Gini⁷ aumentou de 0,43 em 1989 para 0.59 em 2002.

Segundo o INE⁸ (2002), 37% dos cabo-verdianos vivem abaixo do limiar da pobreza e desses, 20% residem na Cidade da Praia, transformando a pobreza num fenómeno urbano, fruto do êxodo rural e migrações inter-ilhas que se verificou com maior intensidade a partir dos anos 90. A nível populacional, o DECRP II (2008) baseando nos dados do INE de 2008, aponta para 499.796 o número dos indivíduos a residir nas ilhas, sendo que desses, metade reside na Ilha de Santiago e cerca de um quarto desse total na Cidade da Praia. É de salientar que 60% desses indivíduos têm idade inferior a 25 anos.

A juventude é um dos segmentos da população mais prejudicada pelo desemprego, visto que, segundo os dados do INE de 2005 (DECRP 2008), afecta em 48% a faixa etária dos 15 a 24 anos, correspondendo a 38% da população economicamente activa. Isto poderá explicar porque é que a população pobre é muito jovem, tendo em conta que, cerca de 49% dos pobres têm menos de 15 anos e 30% dos agregados familiares chefiados por indivíduos na faixa etária entre os 15 a 24 anos são pobres (INE, 2002). A proporção dos jovens na população muito pobre é superior à dos jovens na população pobre e na população total.

⁵ Documento de Estratégia de Crescimento e de Redução da Pobreza.

⁶ O índice médio dos 55 países pertencentes ao grupo dos países de desenvolvimento médio referido no relatório do PNUD (2003) e exposto no DECRP (2004) é de 0,43 o que mostra de uma forma clara o forte agravamento das desigualdades em Cabo Verde.

⁷ O Índice de Gini indica o grau de desigualdade na distribuição dos rendimentos (ou do consumo) no seio duma população. Vai de 0 a 1 e tende para 1 quando as distribuições são muito desiguais e para 0 quando são menos.

⁸ Instituto Nacional de Estatística.

2. A questão da juventude cabo-verdiana

Em Cabo Verde, a juventude foi, desde os primeiros momentos da preparação para a ruptura com o Portugal colonial, considerada o pilar essencial sobre o qual se iria construir o Estado-nação, lembrando a célebre frase de Amílcar Cabral “as crianças são a razão da nossa revolução”. Se antes da independência nacional, a Igreja – principalmente a Católica – soube, com alguma destreza, conter os jovens, após a independência do país, com a afirmação do Estado-nação e com o intuito de se fortalecer os laços de identidade nacional, criou-se organizações políticas juvenis tais como a OPAD-CV⁹ e a JAAC-CV¹⁰ que em cooperação com a Escola os controlavam. O jovem, para além da esfera familiar, frequentava um conjunto de espaços religiosos (catequese, reuniões de jovens, eucaristias) e políticos, espaços esses portadores de atitudes e valores ético-morais que pese embora de cunho religioso e político forneciam-lhe vínculos sociais.

Institucionalmente, desde muito cedo criou-se políticas para esse segmento da população – principalmente no sector educativo. Contudo, como lembra Pais (2005), as políticas da juventude tendem a estandardizar as transições dos jovens para a vida adulta – definindo escolaridades mínimas, circuitos escolares, formação profissional, políticas de emprego – mas os jovens tendem a autonomizar as suas vidas através de buscas autónomas de trajectórias que nem sempre se encaixam nas políticas prescritas.

A partir de uma investigação etnográfica sobre a juventude caboverdeana nas Cidades da Praia e do Mindelo, Filipe Martins (2009 e 2010), constatou a existência de contradições entre o discurso sobre os jovens, por parte dos profissionais que trabalham com esse segmento da população e o discurso dos próprios jovens, no que toca às oportunidades (de educação e formação, de emprego ou de criação de um negócio, de obtenção de uma habitação própria, de criação de uma família, de expressão e de desenvolvimento individual e colectivo) para os jovens na sociedade cabo-verdiana contemporânea¹¹. Na verdade, estas contradições são o resultado das discrepâncias entre os padrões estandardizantes de planificação por parte das instâncias controladoras e as trajectórias desestandardizadas dos jovens (Pais: 2005).

⁹ Organização dos Pioneiros do Abel Djassi – Cabo Verde.

¹⁰ Juventude Africana Amílcar Cabral – Cabo Verde.

¹¹ O Ministro da Juventude e Desportos, Sidónio Monteiro, em declarações à RTC por ocasião do Dia Mundial da Juventude (12/08/09), afirmou que “nunca houve tantas oportunidades para os jovens em Cabo Verde, o problema é que os jovens não as querem aproveitar porque estão interessados em fazer outras coisas”.

Desde muito cedo, as instituições que tutelam a camada juvenil buscaram tratar os jovens a partir de uma visão lockeana, como não agentes, tomando-os apenas como um “vir a ser” (Dayrell, 2003), visto que, a prerrogativa foi posta na sua condição de transitoriedade, encarando somente a sua negatividade. Os jovens por seu turno tendem a incorporar a visão romântica da juventude como um tempo de liberdade e de experimentações. A maioria dos intelectuais e curiosos cabo-verdianos aponta para uma crise da família enquanto instituição socializadora, defendendo que tanto a família como a escola têm perdido o papel central na orientação da geração mais jovem.

Para Bourdieu (2003), a juventude é uma categoria manipulada e manipulável, visto que ao se falar dos jovens como uma unidade social dotada de interesses comuns e com interesses homogêneos a uma faixa etária, está-se a manipular uma realidade. Ao se fazer isso, incorre-se no erro de ignorarmos o facto de apesar de se identificarem com outros na mesma faixa etária, identificam-se a si mesmos também como pertencentes a classes sociais, a grupos ideológicos ou a grupos profissionais diferentes. Desta feita, tomamos esta categoria como um conjunto heterogêneo buscando argumentos na perspectiva classista da juventude, isto porque, falamos de um segmento da população com culturas diferentes provenientes das suas diferentes pertenças grupais, incorporando *habitus*¹² diferenciados.

Normalmente, os pensadores das políticas públicas não têm essa visão e tomam-nos como grupos homogêneos, acabando por impor a sua visão na elaboração e execução das políticas para os jovens. Estas políticas acabam por criar aquilo que Pais (2005) chama de lógicas de linearidades que nem sempre se ajustam às trajectórias não-lineares dos seus cursos de vida. Na perspectiva de Pais (2005), a contemporaneidade é um terreno labiríntico que se furta à planificação, levando os jovens a se envolverem em trajectórias ioiôs¹³. Sendo eles sujeitos, portadores e movidos por desejos, portanto activos, com uma história e ocupando um determinado lugar social, de onde interpretam o mundo e dão-lhe sentido, a estandardização de políticas pode trazer alguns efeitos perversos, e os poderá levar a agir em desacordo, muitas vezes não vendo meios para atingirem os fins.

¹² Entendida como um sistema de disposições duráveis e intransponíveis, ou seja, formas de sentir, pensar, perceber e agir de uma certa maneira, interiorizadas e incorporadas pelos indivíduos, em função das condições de vida e das trajectórias sociais e pessoais.

¹³ Geração ioiô como os chama Pais, é um conceito que tem vindo a ser trabalhado pela sociologia da juventude, que designa a nova cultura juvenil contemporânea num mundo marcado por rápidas transformações, levando os jovens a sentirem a sua vida delimitada a crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, ou seja, a movimentos autênticos de vaivém.

A juventude como questão social em Cabo Verde é recente. Existem muito poucos estudos sociológicos sobre este segmento, mas ao analisarmos as práticas institucionais, os discursos políticos e intelectuais, não obstante a sua ênfase, constata-se que os jovens são tidos como uma facção que deve ser contida e educada, quer recorrendo às instâncias religiosas e políticas quer às medidas severas. A abertura democrática em 91 deu-lhes um novo lugar social, um lugar de reivindicação, e logo em 92 reagindo às políticas educativas do então governo, os estudantes do Liceu Domingos Ramos e da Escola Secundária da Achada Santo António reagiram de forma organizada, estancando as actividades educativas durante todo o dia, numa clara demonstração de força. Nos anos seguintes, as reivindicações dos estudantes tornaram-se constantes e mais violentas, fazendo com que a Polícia de Intervenção Rápida (vulgarmente designada de Polícia de Choque) saísse à rua tentando controlá-los. No ano 2000 os protestos estudantis voltaram, desta vez contra as provas de acesso ao ensino superior. Aliás, pode considerar-se os anos 90 como a década de libertação juvenil e da consolidação da visão da camada juvenil como sendo uma categoria social problemática¹⁴. Por outro lado, foi a década do reforço das políticas públicas para esse segmento.

Se é verdade que nos últimos anos, fruto das políticas sectoriais desde a independência e a democratização do ensino nos anos 90, houve um acréscimo de oportunidades de realização dos jovens em vários níveis, também é verdade que a pressão demográfica destes, o frágil sistema económico, educativo e de protecção social do país ainda não são capazes de responder às aspirações juvenis de obtenção de um emprego estável, de uma habitação própria e de estabelecimento de uma família (Martins, 2010). Esta situação faz com que a maioria dos jovens cabo-verdianos se encontre numa situação sentimental que varia entre aspirações e frustrações. A aspiração em ter uma mobilidade ascendente através do capital cultural adquirido via sistema educativo e a frustração devido à dificuldade de acesso a um mercado de trabalho cada vez mais segmentado, controlado, muitas vezes, por uma rede de compadrio e de militância política.

Os recentes episódios de violência juvenil, inicialmente na Cidade da Praia e posteriormente no Mindelo¹⁵, podem ser entendidos como uma nova forma de reivindicação social por parte de uma camada da população sedenta por um lugar ao sol,

¹⁴ Os comportamentos desviantes dos jovens nomeadamente o uso das drogas e do álcool banalizaram-se nos anos 90, levando o Parlamento a aprovar uma lei que proibisse a venda de bebidas alcoólicas e a presença em estabelecimentos de diversão nocturna a indivíduos com menos de 18 anos de idade.

¹⁵ Os meses de Dezembro de 2009 e Janeiro de 2010 foram marcados por vários assassinatos nessas duas cidades, tendo os ajustes de conta entre grupos juvenis como pano de fundo.

numa sociedade desigual onde o acesso aos recursos são limitados e controlados por uma minoria com objectivos de conservar o seu poder social e simbólico.

Por tudo isso, é por demais evidente que os jovens são, actualmente, o foco privilegiado das preocupações sociais no país.

3. Desencadeadores da violência nos jovens na Cidade da Praia

Tendo apresentado o quadro geral da realidade juvenil cabo-verdiana, compete-nos agora numa perspectiva holística, apresentar os desencadeadores dos comportamentos violentos de alguns jovens praienses, auto-proclamados *thugs*. É forçoso afirmar que só se pode entender o fenómeno *thug* buscando não uma única razão, mas sim, entrelaçando as várias situações vividas por esses jovens.

3.1 Periferização, desorganização urbanizacional e a sua influência social

Falar dos grupos *thugs* é falar de um segmento da população acantonado na periferia emergente ou em bairros onde se notam discontinuidades nos padrões de ocupação espacial¹⁶, resultantes do processo de urbanização acelerado e desordenado que assolou a capital do país, em maior escala nos anos 90 do século XX.

Com a liberalização económica implementada a partir de 1991, a ausência/ineficiência de políticas públicas eficientes de combate à pobreza rural e a limitação imposta pelos países de destino da emigração cabo-verdiana, a Cidade da Praia tornou-se num pólo urbano de enorme atractividade, tendo aumentado em média cerca de 3.500 pessoas por ano entre 1990 e 2000¹⁷. Como a cidade não estava preparada fisicamente para essa pressão demográfica, logo sentiu-se a sua implicação em termos da habitação, do saneamento, do acesso à água potável e a outros serviços sociais básicos para a sobrevivência. A população migrante, sem recursos, viu-se obrigada a roubar espaços às encostas e ribeiras, dentro e nos limites da cidade, em condições bastante precárias, constituindo o terceiro mundo interior (Boaventura Sousa Santos citado por Sebastião, 1996).

¹⁶ A sociologia urbana tende a caracterizar as cidades a partir do modelo de expansão urbana onde a população popular é posta na periferia, mas, no caso praiense, reparamos que não existe uma segregação urbana nitidamente marcada e não há uma evidente separação física entre os segmentos sociais. Nota-se, em um mesmo bairro, espaços que abrigam extremos de pobreza e riqueza, onde se concentra uma enorme diversidade de modos de vida, discursos e práticas.

¹⁷ Dados do Ministério das Finanças e do Planeamento (2004)

Ao contrário da ideia trazida à sociologia pela Escola de Chicago na primeira metade do século XX, onde a cidade nos é apresentada como sendo um centro cercado pelos bairros periféricos, hoje, nas cidades contemporâneas – Cidade da Praia inclusive – existem vários centros, tendo cada um as suas periferias, onde a vida acontece a partir da circulação periferias/centros. O trabalho de campo mostra-nos uma relação de dependência centros/periferias/centros, visto que, os principais centros da cidade – Plateau¹⁸, Palmarejo, a zona dos prédios IFH¹⁹ na Achada Santo António que se estende até Meio da Achada, etc. – dependem em grande parte da mão-de-obra periférica e vice-versa²⁰. Em relação à zona de acção dos delinquentes juvenis o processo é o mesmo. Esta realidade, aliada às orientações políticas de reurbanização da cidade, traz-nos à tona a reprodução da realidade sobrado/funco descrita por Gabriel Mariano (1991), em que temos os sobrados/bairros centrais enquanto espaços identitários e de reprodução das classes dominantes e os funcos/bairros periféricos enquanto espaços identitários e de reprodução das classes dominadas. A projecção da cidade capital arquitectada para o futuro reforça essa ideia²¹.

Os residentes desses bairros periféricos (subúrbios), nomeadamente os jovens, encontram-se desafiados ou em processo de desafiliação, expostos a uma série de situações discriminatórias em parte, por habitarem esses bairros – bairros estigmatizados e criminalizados. Tomo aqui o conceito casteliano de desafiliação (2006) para designar um conjunto de indivíduos separados de seus atributos colectivos, entregues a si próprios, e que acumulam a maioria das desvantagens sociais: pobreza, falta de emprego, sociabilidade restrita, condições precárias de moradia, grande exposição a todos os riscos da existência, etc. Em síntese, entregues à condição de vulnerabilidade – económica e social.

¹⁸ Se repararmos a estrutura urbana destes bairros observamos que existe um centro rodeado por bairros desorganizados e/ou ilegais. As populações da periferia desses bairros trabalham, normalmente, no Centro, e por conseguinte, é também ali o local atractivo para os grupos *thugs* agirem. À volta do bairro do Plateau temos bairros tais como Várzea, Achadinha baixo, Paiol e Lém Ferreira; à volta do bairro do Palmarejo temos bairros tais como Casa Lata, Monte Vermelho, Fonton, Cobon e Tira Chapéu; e à volta do centro da Achada Santo António temos bairros tais como o Brasil, Di-Nôs, Kelém, Cobóm e Fonton.

¹⁹ Imobiliária, Fundiária e Habitat, S.A.

²⁰ Embora haja esta tendência, não se nega o simbolismo que ainda o Plateau – centro histórico – carrega, embora tem vindo a perde-lo com a descentralização dos serviços públicos e privados para os bairros reurbanizados e urbanizados emergentes.

²¹ Tem-se promovido um crescimento habitacional baseado em *resorts* e nichos habitacionais para a classe média-alta e alta, criando uma espécie de guetização dos mesmos.

Como se viu anteriormente, o desemprego em Cabo Verde é estrutural e elevado, afectando preponderantemente o meio urbano e a camada juvenil e, mesmo aqueles que trabalham ou dependem de quem trabalha, estão inseridos num sistema de trabalho precário, que normalmente não consta nas estatísticas do desemprego – o não emprego.

A escola como uma das instituições que visa a socialização dos jovens, funciona, como um instrumento ao serviço das classes dominantes na formação das personalidades, instigando os actores a sonharem alto, inculcando-lhes a ideia de que qualquer sonho pode ser realizado desde que, claro, se tenha os requisitos necessários. Mas, ao utilizar a mesma linguagem das classes dominantes, os alunos provenientes das classes mais baixas sentem grandes dificuldades de adaptação, uma vez que não se leva em consideração a presença desses indivíduos no interior da escola, nem sequer adopta-se uma política ou fornece-se instrumentos que possibilitam a essas crianças diminuir a desvantagem cultural de que são vítimas. (Bourdieu e Champagne citados por Sebastião 1998). Vários estudos mostram que muitos jovens provenientes das classes dominadas vivem a escola como uma prisão, um lugar onde se é obrigado a ir e onde se é vítima de um prolongado processo de violência simbólica e física, com rupturas radicais nas linhas e processos de convivência entre formas culturais diferentes.

Deste modo, o abandono escolar ganha, muitas vezes, a forma aparente de auto-exclusão, representando um processo de auto-defesa perante a violência física e simbólica, forma muda e por vezes brusca de exprimir o desencanto e a revolta para com a instituição escolar (Benavente citado por Sebastião, 1998). Ao abandonarem a escola, estes jovens caem numa situação incómoda, isto porque, fora do sistema, as entidades políticas não fornecem os meios nem flexibilizam os seus processos de intervenção de forma a serem capazes de os integrar em contextos socializadores que lhes forneçam expectativas positivas quanto à utilidade do seu esforço para a organização de um futuro viável, deixando-os à mercê do que os contextos informais lhes possam proporcionar.

Fora do trabalho e da escola ou em processo de sair destas duas instituições de vínculo social, rapidamente juntam-se à margem, tornando-se desafiados. Ao utilizarmos a categoria de desafiliação proposta por Castel (2006), não estamos a afirmar que esses jovens estão completamente desligados do social, uma vez que, embora estejam num processo de descolectivização com uma parte do social, formam novos grupos sociais, ou seja, rapidamente buscam estratégias de sobrevivência no bairro, juntamente com

outros jovens na mesma situação social, entrando num processo de recolectivização à margem das convenções sociais.

Os bairros onde habitam são vistos para a maioria da população residente nos centros, como paisagens apocalípticas constituídas por pessoas com costumes bizarros, mergulhados numa pobreza geracional, pouco amigos do trabalho, inseridos em famílias desestruturadas, onde proliferam doenças e marginais (*gangs*). Esta imagem do exterior é uma classificação que associa estas populações a uma identidade cultural determinada que funciona como estigma social que lhes é atribuído de forma negativa, desviante dos padrões culturais dominantes.

3.2 O papel da etiquetagem na estigmatização social

A teoria da etiquetagem ou da rotulagem desenvolvida pelo interaccionismo simbólico nos anos 50 do século passado mostra-nos que quando um grupo se encontra numa situação de vulnerabilidade, facilmente os seus membros são caracterizados como grupos desviantes pela população em geral e pelos órgãos repressores em particular. Não esquecer que é o olhar da sociedade que os define como marginais, tendo em conta que, tal como afirma Becker (1985), os rótulos aplicados na criação de categorias de desvio expressam a estrutura do poder de determinada sociedade. Este autor chama a atenção para o perigo de categorizar determinados indivíduos de delinquentes pelo facto de pertencerem a um determinado grupo considerado perigoso, na medida em que, ao se fazer isso, está-se a contribuir para a sua própria realização.

No entender de Becker (1985), o *outsider* tanto pode ser o indivíduo que transgride uma norma e que se torna assim estranho face ao grupo, como pode designar aqueles que são estranhos ao grupo dos desviantes. O indivíduo etiquetado como estranho percebe também a sua situação e pode avaliar os seus juízes como sendo estranhos ao seu universo. Sendo assim, o termo *outsider* contém um duplo sentido, pois serve para designar não só os desviantes às normas instituídas, como os que instituem as normas.

O desvio não é uma qualidade do acto cometido por uma pessoa, mas sim, uma consequência provocada pela reacção dos outros, através da aplicação de sanções ao transgressor. O desviante é aquele sobre o qual a etiqueta é aplicada com sucesso e o comportamento desviante é aquele que a colectividade rotula como tal (Becker, 1985), afectando a sua relação com os outros.

Sendo a sociedade constituída por um mosaico de mundos sociais, os contrastes culturais separam-nos e distanciam-nos. Devido a essas diferenças, as normas não

suscitam a mesma aceitação, nem inspiram as mesmas condutas, nem conseguem exigir a mesma disciplina. A violação ou transgressão normativa é vista como uma consequência das diferenças culturais. O conflito normativo transforma-se em desvio (Ferreira, 2000). Dependendo da categoria social em que determinado indivíduo se encontra, o seu acto poderá ou não ser considerado desviante. Para Becker (1985), as leis são aplicadas tendencialmente mais a certos indivíduos do que a outros.

A partir do momento em que um indivíduo é visto por outro como desviante, ganha automaticamente um estatuto. Esse estatuto acaba por ser o dominante independentemente doutros estatutos que possa ter.

Vistos como delinquentes, com a consequente exclusão ou rejeição na sua participação em actividades legítimas, esses jovens acabam por desenvolver cada vez mais actividades ilegítimas, numa sociedade onde a economia subterrânea dita as regras. Embora não haja dados estatísticos sobre o tema, é comumente sabido que o crescimento económico de Cabo Verde deve-se em parte ao narcotráfico. Sendo assim, numa sociedade onde é dada uma excessiva importância a certas metas de sucesso, sendo a riqueza acumulada o expoente máximo dos valores desejados, é natural que todos os que fazem parte dessa sociedade se sintam estimulados a atingir tal meta, na medida em que, a riqueza simboliza um elevado *status* social. Tendo incorporado essa ideia e negados os acessos legítimos de lá chegarem, o emprego de meios ilegítimos torna-se num imperativo, ainda mais num espaço social onde a sensação de impunidade é enorme.

3.3 Interiorização de uma cultura da violência

Em Cabo Verde, contrariamente ao que alguns intelectuais e curiosos difundem, existe uma cultura de violência historicamente legitimada – física e simbólica.

Segundo Varela (no prelo), o sistema fomentou desde sempre um discurso normativo e discriminatório, remetendo o tipo negro/mestiço (dominado) para a margem, imperando sobre ele violências físicas e simbólicas que incorriam desde os açoites e pena capital em pelourinhos, prisões e desterramentos, à imposição de padrões culturais exógenos nas escolas. Para esse investigador, estando sitiados nas margens, os desafiliados de então, reconfigurados, procuravam sempre ripostar tentando estrangular o regime a partir das várias revoltas conhecidas na Ilha de Santiago. Finda a escravatura, o escravo violento, porque resistente, dá lugar ao negro/“mulato” rebelde remetendo-o à categoria residual de “badio”, carregando estigmas e conotações adversas, na justa medida em que busca

formas e alternativas outras para a sua inserção social num mundo que o rejeita, produzindo-o inexistencialmente. Desta feita, a história cabo-verdiana é frutífera em passagens violentas desde o achamento até aos nossos dias²².

Com a constituição do Estado-nação espelhando o modelo europeu, o poder concentrou-se nas mãos de uma certa elite burocrática, desterritorializando o monopólio dos meios de produção e o exercício do poder das mãos do colonialista e do morgado, criando as bases de um sistema de clientela que por sua vez, fez deslocar o antagonismo entre as classes (Varela, no prelo). Assim sendo, esse investigador pergunta, em relação ao fenómeno *thug*, até que ponto não estamos perante uma luta que não deixou de ser anti-subjugação e anti-marginalização nos morgadios, no cume das montanhas e nos funcos, para ser agora nas cidades entre aqueles que têm e aqueles que nada têm, ou seja, pelas palavras do referido autor “vinho velho em odre novo”.

Remata afirmando que uma análise diacrónica mostra-nos que ao se negar a liberdade e a cidadania a uma boa parte dos cabo-verdianos, estes criaram novas formas de resistir – resistir fugindo, resistir cantando/escrevendo, resistir lutando de armas em punho, resistir emigrando e resistir assaltando (Varela, no prelo).

Esses jovens convivem com todos os níveis de violência o que torna fácil a sua utilização, principalmente quando se encontram em situações adversas e o uso da violência surge como reacção. Ela aparece na família – violência doméstica, irresponsabilidade paternal e precariedade habitacional –, na rua contra grupos rivais e, ultimamente, contra a polícia – Piquete, Brigada Anti-Crime (BAC) e Polícia Militar. Não é estranho afirmar que a violência entra no processo de socialização. Desde muito cedo, o cabo-verdiano é ensinado a não levar “desaforo” para casa, chegando mesmo a levar “porrada” porque fugiu a uma briga.

A socialização da violência levou Fernandes (2008) a afirmar que em Cabo Verde, e de forma particularmente grave na cidade da Praia, os modelos de interacção revelam-se pontuados pela violência, condicionando a vida em sociedade e criando condições para o alastramento de delitos.

Essa predisposição conjugada com o descontrolo de armas de fogo no país, torna a situação explosiva e preocupante. Um estudo da Afrosondagem, sobre a circulação ilegal de armas e seu impacto na insegurança dos cidadãos, apresentado no jornal A

²² A imagem do badio violento é reproduzida até hoje, levando intelectuais como Onésimo Silveira a afirmar, num Fórum sobre a violência organizado pelo Governo, que a raiz da violência em Cabo Verde se encontra na ilha de Santiago. Existe claramente uma regionalização da violência, diferenciando os mais violentos dos mais civilizados.

Semana em Janeiro de 2009, aponta a ilha de Santiago como o repositório de mais de 80% das armas ligeiras de fogo em circulação ilegal em todo Cabo Verde. O referido estudo, salienta ainda que a utilização de armas de fogo, de forma efectiva ou como ameaça, é maior na cidade da Praia, representando mais do dobro da média nacional. Cerca de 55% dos inquiridos na capital do país afirmaram que sempre ou frequentemente são utilizadas armas de fogo na sua comunidade como forma de resolução de conflitos.

3.4 Descolectivização social desplanificada e a influência da cultura *hip hop* na organização das tribos urbanas

Como se referiu anteriormente, a sociedade cabo-verdiana passou ao longo da sua história por quatro grandes mudanças estruturais que de certa forma provocaram alguma instabilidade nas relações sociais.

Antes da independência do país, a Igreja – aqui entendida como um agente ao serviço do sistema escravocrata e colonial – tinha o papel de civilizar e controlar a população autóctone. Por conseguinte, numa sociedade bastante jovem como a cabo-verdiana, necessário seria utilizar a ideologia religiosa como forma de alienação, evitando revoltas contra o poder instituído e fortalecendo o vínculo social.

Com a declaração da independência nacional, apesar do forte pendor religioso da população, a reorganização dos jovens teria de passar por outros moldes inspirados nas mocidades socialistas/comunistas soviéticas/cubanas. Estava em jogo a afirmação do Estado-nação e do fortalecimento de laços de identidade e o endoutrinação político a partir de organizações juvenis de massa, tais como a OPAD-CV e a JACC-CV, aparece como uma forma de controlar os jovens através da alienação política. É de salientar que nessa época a figura das milícias e dos tribunais populares afugentavam qualquer tentativa de sublevação juvenil nos bairros, por mais descontentes que estes estivessem. No início dos anos 90, com a democratização do país, procedeu-se a uma descolectivização social e as organizações juvenis supracitadas, marcas do passado comunista, tiveram de ser reestruturadas²³ e foram criadas no seu lugar organizações juvenis tidas como democráticas e impulsionadores do livre arbítrio dos jovens²⁴. Na prática, por falta de planificação contemporizada, inconscientemente, criou-se um certo

²³ A OPAD-CV transformou-se numa ONG com o mesmo nome e a JAAC-CV foi extinta.

²⁴ Criou-se por exemplo os Centros da Juventude.

vazio institucional, vazio esse não preenchido pela família e/ou pela vigilância comunitária.

Essa descolectivização social acelerada e não planificada abrigou os jovens a partirem em busca novas referências – nem Deus nem Cabral²⁵ – e superar o estado anômico com o reinventar de novas formas de sociabilidade juvenil – formal ou informal.

Neste quadro social, os grupos de pares surgiram como agentes reprodutores de referência e os valores do *gangsta rap*²⁶ são, rapidamente, importados e incorporados no quotidiano juvenil urbano desafiliado. Poder-se-á dizer que se por um lado, *rappers* como 2 Pac, 50 Cent, DMX ou Notorius BIG tornaram-se referências desses jovens²⁷, os jovens repatriados dos Estados Unidos da América, por outro lado, serviram igualmente de referência, na medida em que, reproduziram o imaginário *gangsta*, através das histórias carregadas de aventuras fornecidas aos jovens praienses, o uso diário do inglês e dos calções dos negros norte-americanos e o estilo *thug* de se vestir e de se estar “poplizado” pelos *clips* da MTV e pelos filmes de Hollywood. Não é descabido afirmar que enriqueceram o imaginário desses jovens que depressa os começaram a imitar. Num primeiro momento, só era considerado *thug* quem privava com grupos de repatriados, embora ainda essa palavra não tivesse ganho o peso e a visibilidade social que recebe hoje. É notório a participação de alguns repatriados nos primeiros grupos *thugs* da capital.

Os grupos de pares nos bairros desafiliados reviam-se nas letras das músicas e nas histórias dos *ghettos* norte-americanos e a batida entrava como uma droga. Como muitos afirmaram, ouvir *rap* é o único momento de alegria. Depressa redimensionaram as suas crenças, valores, símbolos, normas e práticas específicas consolidando aquilo que Pais (1996) chamou de culturas juvenis, neste caso específico, uma cultura juvenil com características tribais numa sociedade contemporânea neotribalizada.

A contemporaneidade trouxe um maior dinamismo e importância aos grupos de pares de jovens, uma vez que, esses passam a substituir a família e a vigilância comunitária e se constituem como uma fonte de socialização menos repressiva. Estando as sociedades

²⁵ Amílcar Cabral – considerado o pai da nacionalidade cabo-verdiana.

²⁶ É um subgénero do *rap* que tem como característica a descrição do dia-a-dia violento dos jovens negros desafiliados das grandes cidades norte-americanas.

²⁷ Convém realçar que ao contrário do que aconteceu noutros países, em que o movimento *hip hop* deslocou-se da periferia para o centro, em Cabo Verde, no final dos anos 80, foram os jovens pertencentes a classes dominantes quem introduziram esse estilo musical e forma de estar na sociedade resultante do contacto com outras realidades – principalmente a norte-americana – que visitavam nas férias de verão. Inicialmente, os jovens seguidores da cultura *hip hop* eram conhecidos por *dreads* e ao longo dos tempos os nomes foram variando, passando pelo *yo* e chegando agora a *thug*.

urbanas contemporâneas individualizadas, em que as relações sociais são expostas a competições, como forma de sobrevivência, os jovens tendem a reagrupar-se utilizando estratégias que se assemelham às tribos seculares, reagindo assim ao isolamento imposto por elas.

As tribos urbanas podem ser definidas como agrupamentos semi-estruturados, constituídos predominantemente por pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos de cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lares típicos de um espaço-tempo (Maffesoli citado por Lopes de Oliveira, Camilo e Assunção, 2003). É definida também como uma sociabilidade frouxa mas intensa, pela lógica do não-compromisso com a continuidade na linha do tempo expressando a valorização do aqui-agora (Coutinho citado por Lopes de Oliveira, Camilo e Assunção, 2003). São comunidades organizadas em torno do compartilhamento de gostos, formas de lazer e vínculos comunitários que persistem enquanto se mantém o interesse pela actividade. Os seus membros portam-se como personagens de um enredo imaginário (Gonçalves citado por Lopes de Oliveira, Camilo e Assunção, 2003). As tribos urbanas tal como as associações juvenis ou qualquer outro tipo de agrupamento juvenil expressam formas comuns e específicas de sociabilidade e representam um importante contexto sócio-effectivo alternativo (Lopes de Oliveira, Camilo e Assunção, 2003).

Os grupos *thugs* apresentam estas características e tal como as outras tribos urbanas vivem o momento, cada situação apresenta uma estabilidade vivencial intensa que muitas vezes não deixa rastros para as experiências seguintes. A violência é vivida dessa forma.

Os jovens ao associarem-se a grupos de delinquentes adoptam estilos incorporando três elementos²⁸ (Brake citado por Xiberras, 1993) que acrescentadas às especificidades das tribos urbanas na busca da identidade grupal, reproduzem uma informação social de *thug*. Verificou-se que há um interesse numa auto-apresentação performativa, visto que todos os grupos *thugs* observados possuem pelo menos um *rapper* e a música *rap* funciona como um dos elos de ligação entre eles; existe um cuidado com a auto-imagem – calças e *t-shirts* largas, fios e brincos volumosos, lenços e/ou bonés postos de lado, tatuagens, etc.; nota-se uma preocupação com o porte, uma vez que o corpo é utilizado como um lugar de identidade, de expressão e causador de medo; o uso frequente de

²⁸ A imagem, o porte e o uso do calção.

calão usado nos *ghettos* norte-americanos e/ou a crioulação de expressões inglesas tais como *kasu bodi*²⁹ ou *kasubodista*³⁰; e a adopção de condutas de agressão e destruição com efeitos dramáticos sobre si mesmos e sobre a sociedade.

Marcam a sua especificidade pela ocupação e domínio de um certo recorte do espaço urbano – praças, escadas, ruas, entrada das casas, esquinas³¹, etc. – aonde escrevem as suas marcas através de *graffittis*³² e/ou *tags*³³.

3.5 Desterritorialização familiar e reterritorialização espacial

É comum ouvirmos a mobilização do conceito de estruturação familiar para explicar as razões que levam os jovens a delinquirem. Se ao se falar disso está-se a mencionar a existência no passado de um suposto tipo familiar nuclear burguês fruto da fundação da sociedade cabo-verdiana, baseada nos ideais judaico-cristãos, tipo familiar supostamente em degradação, pode-se ser induzido a erro, isto porque, ao analisarmos historicamente a sociedade cabo-verdiana, repara-se que o tipo familiar monoparental chefiado por indivíduos do sexo feminino³⁴ advém desde os primórdios do povoamento das ilhas, fruto da poligamia informal instituída no arquipélago pelos senhores da terra. A realidade conjugal e sexual vivida hoje não é outra coisa senão a reprodução e/ou o reflexo da realidade passada, só que com menos tabus. Existe a tendência em se buscar modelos explicativos de realidades outras e tentar a todo o custo aplicá-los à realidade cabo-verdiana, sem ter em conta as suas especificidades. Para além desse exercício estar carregado de etnocentrismo, abarca ainda um certo moralismo exacerbado e é teoricamente desadequado.

Sem querer negar a existência no passado do tipo familiar burguês, principalmente no meio urbano, é notoriamente mais evidente na actualidade, e apresentando um crescimento, sobretudo, nos bairros emergentes no seio dos jovens casais se bem que a união de facto continua a ser o estilo conjugal privilegiado por estes. Constatamos no

²⁹ O termo *kasu bodi* popularizado pela sociedade cabo-verdiana significa roubar e advém do slogan de assalto utilizado pelos assaltantes norte-americanos *your cash or your body*.

³⁰ Referindo ao praticante do *kasu bodi*.

³¹ Sítios onde os jovens se encontram e passam a maior parte do tempos. Onde se contam as conquistas, as peripécias da vida, os assaltos, as desavenças e onde se aprende ser *thug*.

³² Usado pelos *gangs* para marcar território.

³³ Usados como etiqueta dos *gangs*. Uma espécie de marca registada.

³⁴ Um outro tipo familiar muito comum em Cabo Verde é a família alargada, principalmente no meio rural. A ocupação de espaços em muitos vales e cutelos das ilhas tem esta característica, visto que, devido à desigual repartição das terras, tende-se em construir nos terrenos familiares por mais pequenos que eles sejam, constituindo um aglomerado familiar.

terreno que muitos jovens *thugs* provém de famílias tidas como normais, ou seja, vivem com uma mãe, um pai, irmãos e restantes familiares.

Um outro erro recorrente é considerar as famílias que não possuem as características judaico-cristãs como sendo desorganizadas. Não ter num espaço doméstico um pai, uma mãe e seus filhos não é uma condição *sine qua non* para a desorganização familiar, isto porque, durante séculos o homem cabo-verdiano emigrou deixando os familiares para trás e isso não fez com que ela se desorganizasse. Havia outros mecanismos de controlo e de suporte familiar.

Se ao se falar em desestruturação familiar está-se a referir a situações em que a deslocação de uma unidade familiar rural para o espaço urbano gera anomia, na medida em que há perdas do vínculo comunitário, falaria então em desterritorialização familiar. É evidente que famílias historicamente ligadas ao cultivo da terra e criação de animais ao deixarem os seus lugares de origem e migrarem para as cidades, vêm-se inseridas num contexto completamente estranho e portanto, gera nelas uma profunda desestabilização cultural e social.

No meio rural, o sistema familiar patriarcal é vivido com maior intensidade do que no meio urbano. Mesmo em situações de emigração, o chefe de família – normalmente homem – deixa um elemento masculino – irmão, filho, sobrinho, compadre, etc. – como representante da família. A figura do homem é tida como o garante da sobrevivência do clã. A família nunca se desorganiza e o facto de habitarem um aglomerado familiar, o vínculo familiar funde-se com o vínculo comunitário dando-lhe uma maior consistência. Apesar dos conflitos, normalmente relacionados com a ocupação e o uso das terras para cultivo e criação de animais, o *djunta-mon*³⁵ marca as relações sociais não deixando o *ethos* comunitário esvanecer.

Nas cidades, acabam por ocupar bairros estranhos cultural e socialmente³⁶, visto que, a nova vizinhança, apesar de ser proveniente de outros espaços rurais, carrega ela também o trauma do êxodo rural inter-ilhas³⁷. Isto quer dizer que, devido às características das sociedades urbanas contemporâneas fundadas no individualismo e na sobrevivência económica, o sistema patriarcal e a virilidade reproduzidos durante séculos, cai em

³⁵ Relações de entre ajuda.

³⁶ Nota-se uma tendência em ocuparem espaços historicamente marginalizados e/ou aparentemente inocuáveis – ribeiras e encostas dos planaltos da cidade – levando-os a cair em situações de segregação social.

³⁷ Nota-se que tal como nas migrações internacionais, também nas migrações internas os migrantes que ocupam os meios urbanos são, na sua maioria, provenientes dos meios rurais de outras ilhas. Normalmente, esta migração é entendida como transitória, isto porque, aspira-se sair para fora do país.

desuso numa sociedade em constante transformação e redefinição. Essas transformações acabam por mudar a identidade do homem macho rural, agora inserido numa comunidade desorganizada onde a regra principal é “salve-se quem puder”, em que as relações de afinidade e de solidariedade são ténues e o que sustentava o núcleo familiar e comunitário – hierarquias etárias e sexuais – esmorece.

Como é evidente, o processo de reterritorialização nem sempre é fácil e anexado às expectativas defraudadas de uma vida melhor³⁸, opta-se por atitudes evasionistas recorrendo, muitas vezes, ao álcool ou à droga, acabando por reproduzir esse sentimento nos filhos.

Os jovens nascidos e crescidos em situação de pobreza têm poucas alternativas, uma vez que, tal como a riqueza, reproduz-se por herança. No entanto, torna-se forçoso realçar que não há uma relação directa pobreza/delinquência, mas ao se incorporar os objectivos comuns da sociedade em geral e se deparar com um acesso limitado à cidadania, caso não houver vínculos familiares e comunitários fortes, facilmente cai-se em situações ilegítimas³⁹ ou opta-se por atitudes evasionistas reproduzindo os modos de vida dos pais.

4. Delinquência como modo de vida (crianças, adolescentes e jovens associados a grupos delinquentes – *thugs*)

O conceito de modo de vida é um instrumento útil para dar conta da relação entre o nível das estruturas e das suas dinâmicas e a das práticas e representações dos agentes, isto é, da relação activa que as pessoas estabelecem com as suas condições de existência. (Firmino da Costa citado por Capucha, 1992) Serve como elemento mediador que articula os recursos e constrangimentos associados à ocupação de uma determinada posição social e o sistema das práticas quotidianas, das avaliações, das representações, das referências sociais e culturais e das escolhas estratégicas feitas pelos agentes no contexto das disponibilidades desses recursos e das limitações impostas por esses constrangimentos. Comporta uma dimensão social – a das pertenças a classes ou redes sociais, – mas também uma dimensão cultural – a de símbolos e orientações –, e

³⁸ O facto de não possuírem capital cultural dificulta a sua ascensão social, pelo menos utilizando os meios legítimos.

³⁹ O objectivo deste artigo é dar conta de uma realidade grupal específica, o comportamento dos jovens desafiados. Obviamente, esta equação não serve para explicar os crimes de colarinho branco ou os crimes dos jovens pertencentes à classe dominante.

uma dimensão temporal – a dos trajectos, passados e virtudes (Firmino da Costa citado por Capucha, 1992).

A mobilização do conceito modos de vida prende-se com a necessidade de dar conta da interacção entre os limites impostos pela sociedade a um determinado segmento da população através da regulação do sistema e os estilos de vida adoptados pelos agentes, de forma mais ou menos racionalizada, para responder a esses constrangimentos.

4.1 Cultura de rua: *habitus* incorporado e carreira delinquente

Esses jovens ao se sentirem subalternizados e desafiliados tendem a agruparem-se a outros na mesma condição social e interiorizam apenas as normas da subcultura onde crescem, ficando livres de qualquer compromisso para com a sociedade convencional. Propendem a distanciarem-se das normas tidas como aceitáveis na sociedade, uma vez que as mesmas visam reflectir os valores dos grupos dominantes. Por não se identificarem com elas acabam por interiorizar valores e normas distintas influenciados pelos grupos de pares. A cultura de rua interiorizada resume-se naquilo que Bourgois (2001) identifica como sendo um conjunto de redes, símbolos e crenças complexas e conflituosas, de modos de interacção específicos e de valores e ideologias emergentes em oposição à exclusão promovida pela classe dominante. Ela funciona como um fórum alternativo onde se pode afirmar a dignidade pessoal autónoma.

Sentindo-se não integrados numa sociedade que os rejeita e que se protege deles, desenvolvem uma cultura de resistência caracterizada por diversas práticas de revolta que com o passar dos tempos consolida-se num estilo de vida marcado pela oposição, seguindo assim, uma vida exclusivamente delinquente. Ou melhor, optam por uma carreira delinquente⁴⁰ que se processa através da manutenção, durante um longo período de tempo, de uma forma determinada de delinquência – de revolta – fazendo dela o seu modo de vida. Com o tempo, apesar deste estilo de vida produzir uma busca de dignidade humana, uma vez que traz respeito⁴¹ na e à comunidade, e serve como estratégia de rejeição da condição de subjugação em que se encontram, acaba por funcionar também, como um agente activo da degradação pessoal e comunitária.

⁴⁰ A carreira delinquente começa a partir do momento em que um determinado indivíduo comete uma transgressão de forma intencional, ou seja, quando realiza um acto não conformista que quebra uma regra ou um conjunto de regras.

⁴¹ Este respeito tem um duplo sentido: se por um lado aparece devido à admiração que alguns indivíduos do sexo feminino e crianças – que aspiram ser como eles - sentem por esta figura, por outro, deve-se ao medo que eles impõem na comunidade.

Convém salientar que são as desigualdades sociais que geram pressões e desvantagens susceptíveis de conduzirem a esse modo de vida, na medida em que segundo Fillieule (2001), quanto maior forem as oportunidades legais para se chegar a um determinado fim, menor serão as tendências para se escolher actividades delinquentes e quanto maior forem as oportunidades criminais maior se tenderá a optar por esta actividade.

Ao interiorizarem esta subcultura, activam o *habitus* de rua que acaba por estruturar os seus comportamentos, experiências, conhecimentos e visões do mundo. Incorporam dos outros o não reconhecimento dos valores dominantes, acabando por eleger os representantes do grupo dominante e seus patrimónios como inimigos.

É peremptório a aversão à polícia e aos políticos. Ao perguntarmos sobre a polícia, as respostas são unânimes: não confio nem gosto. O curioso é que apesar de não gostarem da polícia reconhecem que estes não fazem senão o seu trabalho. O descontentamento verificado deve-se ao facto de se sentirem constantemente perseguidos e abusados por estes devido ao estigma que carregam. Relatos de abuso policial dentro das esquadras – sendo as esquadras das Achadas Santo António e Eugénio Lima os mais temidos – são constantes, o que põe em xeque-mate o tão propalado respeito pelos direitos humanos. Contam que ao chegarem às esquadras, depois de interpelados nas ruas, são amarrados uns aos outros, regados com mangueira e espancados horas sem conta. Depois, são libertados sem qualquer acusação formal, inúmeras vezes, em bairros onde se sabe existir conflitos com grupos locais.

Em relação aos políticos a resposta é similar. Não confiam porque se sentem enganados, usados nas campanhas políticas e retorquem que estes não fizeram nada para os jovens. Consideram-nos corruptos, instrumentados pela classe dominante, funcionando como agentes de reprodução das desigualdades e de injustiças sociais.

Verifica-se que os inimigos desses jovens são os mesmos dos poetas do *gangsta rap*. A polícia é representada como a força repressiva do sistema, os políticos como os culpados da situação actual e como não faz sentido falar da exploração racial do branco sobre o negro em Cabo Verde⁴², substituem-no pelos agentes providos de capital⁴³.

O grupo solidifica a carreira delinvente transformando esta que antes era individual numa agora colectiva, tendo a delinquência como o pilar da relação grupal juntamente

⁴² Não obstante isto, nalgumas letras do *rap made in* Cabo Verde, encontramos o termo racismo branco/negro.

⁴³ Utiliza-se o termo capital no seu sentido lato, uma vez que, devido às discontinuidades nos padrões de ocupação espacial, muitas vezes, o capital simbólico sobressai sobre o capital económico, confundindo assim os delinquentes.

com a convivialidade. Quanto mais sólido é o grupo, mais os interesses colectivos se sobrepõem aos interesses individuais, levando esses indivíduos, na maior parte das vezes a sacrificarem-se pelo grupo⁴⁴. É patente a capacidade de sacrifício para com o grupo, que funciona como uma escola do crime, principalmente aqueles melhor organizados, dado que, o delinquente apreende nesse seio estratégias de sobrevivência, formas de contornar as dificuldades do dia-a-dia e adquire um conjunto de sistemas de justificações⁴⁵ que o incitam a continuar, considerando o seu estilo de vida como melhor do que o dos agentes pertencentes à mesma realidade social.

Mais difícil também será sair desta vida, tendo em conta que, por um lado, incorporam e reproduzem o discurso dos membros dos *gangs* norte-americanos – vida, prisão ou morte – transmitindo a ideia de que não se importam com nada nem com ninguém, onde a droga e o álcool aparecem como analgésicos protectores de uma realidade imposta e encorajam a cometer actos carregados de violência. Por outro, o medo de carregar o estigma de traidor ou X9⁴⁶ e o consequente castigo⁴⁷.

4.2 Representação do *thug life* no espaço social praiense

Thug foi o nome que o *rapper* norte-americano 2 Pac e seus amigos eram chamados nas vizinhanças do bairro onde residiam, antes de ele alcançar fama internacional, devido ao estilo de vida desalinhado das condutas dominantes. Sendo assim, formaram um grupo musical com o mesmo nome e a expressão *thug life* (vida bandida) era usada nas músicas que compunham.

Mais tarde, como o intuito de diminuir a violência nos *ghettos* pobres, 2 Pac cria um movimento social desvinculado das ONG's denominado *Thug Life* com o objectivo de

⁴⁴ Estudos desenvolvidos nos Estados Unidos da América no seio dos grupos de pares mostram a conformidade dos jovens às regras e às pressões dos grupos, mesmo quando violam crenças e valores enraizados no convívio com a família (Lashbrook citado por Lopes de Oliveira, Camilo e Assunção, 2003)

⁴⁵ Constata-se uma tendência em buscar justificações através das técnicas de neutralizações das normas convencionais (Sykes e Matza citado por Xiberras, 1993), isto porque, reconhecem os seus actos como errados e prejudiciais, mas necessários como reacção a uma situação social imposta. Para eles, o prejuízo social das suas acções funciona como uma represália, uma justa reposição das coisas. Estas técnicas são utilizadas como forma de suavizar os seus comportamentos.

⁴⁶ Expressão importada da realidade das favelas brasileiras que significa a pessoa que passa informação às forças judiciais, isto é, chibos. Nota-se que muitos jovens misturam expressões importadas do quotidiano dos bairros desafiados norte-americanos com as usadas nas favelas brasileiras. Neste último caso, as telenovelas brasileiras, muito apreciadas em Cabo Verde, funcionam como veículo de transmissão de modos de pensar e estar outros.

⁴⁷ Muitos jovens arrependem-se da escolha desse estilo de vida, mas o medo de represálias caso abandonem o grupo mantêm-nos como membros. Os que abdicam evitam a todo o custo o encontro com os antigos colegas, isto porque, são considerados inimigos e violentados. São várias as histórias de ajustes de contas de grupos *thugs* para com os desertores.

facultar aos *gangs* uma espécie de mandamento *thug*. Ou seja, o que poderia e o que não poderia ser feito nas comunidades. Viver a vida de bandido abrangia uma série de condutas auto-controladas que eram reproduzidas aos mais novos através do *habitus* de rua.

O pilar do pensamento *thug* passa pela interiorização de três princípios básicos: que terá dinheiro à sua disposição, que será preso e morrerá nas ruas. O contrato é baseado na palavra, portanto, há que honrá-la; eliminar os X9's porque põem em causa a coesão do grupo; respeitar o grupo porque ele é tudo o que importa; roubar na zona e atacar membros da comunidade é ir contra o código; sequestrar crianças ou usá-las no tráfico é ir contra o código; vender drogas às grávidas é considerado infanticídio; não se pode traficar nas escolas; fazer segurança na comunidade, protegendo-a da polícia, que é vista como “pau mandado” das classes dominantes; identificar bem o inimigo para evitar danos colaterais; respeitar os mais velhos porque representam a sabedoria; disputas territoriais dentro dos bairros devem ser tratadas com profissionalismo e as desavenças deverão ser resolvidas fora da comunidade; evitar tiroteios em festas e outros espaços de convivialidade; o *thug* tem de ser esperto, tem de conhecer o código, respeitá-lo e deve proteger-se sempre, ou seja, andar armado.

Na Cidade da Praia, reparamos que os jovens que melhor põem em prática o referido código são os membros dos grupos liderados por repatriados ou aqueles que conviveram de perto com eles, tendo incorporado bem a história da cultura de rua vivida nos bairros desafiliados norte-americanos. Deveras, a forma como o espaço urbano praiense é ocupado e representado, torna-se difícil a assunção da totalidade deste código.

É de realçar que a esmagadora maioria dos grupos *thugs* em acção na Cidade da Praia, alguns surgidos como protecção individual e colectiva contra outros grupos, incorporou a expressão *thug*⁴⁸.

Tal como nos Estados Unidos da América, a expressão *thug life* consolida-se à volta dos grupos de *rap* produzidos pelos amigos e fãs, uma vez que, certas cenas de violência começaram a aparecer como resultados de “bifes”⁴⁹ individuais e territoriais. Inicialmente, os amigos dos *rappers* funcionavam como seus guarda-costas e

⁴⁸ Nem todos se reviam, inicialmente, neste nome, mas a valorização social – principalmente comunitária – e o estigma carregado devido ao estilo de vida e a forma de se vestirem fez com que acabassem por aceitá-lo e reproduzi-lo. Quase todos os grupos possuem nomes em inglês e os liderados pelos repatriados dos Estados Unidos da América possuem ou possuíam nomes, que de alguma forma, os lembravam este país – cidades, ruas ou espaços que frequentavam antes de serem deportados.

⁴⁹ Disputas entre os MC's usando palavras provocativas e estigmatizantes.

acompanhavam-nos às actividades lúdicas promovidas pelas associações comunitárias ou instâncias locais e/ou centrais. Alguns desses grupos baptizavam-se com os nomes dos grupos de *rap* da comunidade. Para eles, o *rap* é música dos *thugs* e para a sociedade em geral quem canta ou assume-se como pertencendo à subcultura do *hip hop* é *thug* ou aspira ser *thug*. A reprodução desta ideia, se por um lado beneficiou os jovens *thugs* ou os aspirantes a *thugs* uma vez que os proporciona uma certa dose de capital simbólico, por outro lado, prejudica-os na relação com o outro, na medida em que são deixados de fora das actividades lúdicas organizadas cidade adentro, devido aos vários episódios de violência protagonizados por eles nos vários eventos culturais organizadas na cidade. Os próprios jovens admitem o sentimento de êxtase quando se aproxima alguma actividade de comemoração comunitária ou nos centros da cidade. A polícia, para evitar confrontos entre grupos rivais, tem trabalhado na prevenção nos grandes eventos culturais, impedindo-os em certos casos de se aproximarem dos locais onde estas actividades se realizam⁵⁰.

Tal como Bourdieu (2001) observa no seio das classes dominantes franceses, no seio da comunidade *thug* existe uma intensa luta simbólica pelo poder dentro do campo da delinquência. Nota-se uma tendência em desacreditar determinados jovens e/ou grupos auto-proclamados *thugs* no que respeita ao verdadeiro significado da palavra e da vivência *thug*. Para muitos, a ideia que se tem é que para se ser *thug* basta vestir roupas largas, meter uma arma de fogo nas calças, uma faca no bolso e ir gingando. Mas, na realidade, este estereótipo não é suficiente. É importante que se conheça a filosofia e o pendor político⁵¹ subjacente. A verdade é que, segundo a afirmação de alguns *thugs*, muitos não seguem nem conhecem o código, mesmo porque não percebem o inglês e acreditam em qualquer coisa que o “merkanu”⁵² disser. Para esses, *thug* é saber sobreviver nas ruas, no meio das adversidades e não vangloriar o porte de armas ou as

⁵⁰ Estas acções policiais aconteceram, por exemplo, no festival da Gamboa de 2008 e 2009. Acções do tipo eram habituais nos anos anteriores em relação aos ditos “meninos de rua” ou a indivíduos com cadastro policial, na tentativa de evitar roubos.

⁵¹ Não esquecer a carga política que esta designação tem subjacente. O de ser contra um sistema político racial – mais especificamente no caso norte-americano – e desigual que condena a classe dominada a uma vida de exploração e de miséria.

⁵² Expressão utilizada para designar o indivíduo natural dos Estados Unidos da América ou o deportado. Na verdade, muitos repatriados nunca fizeram parte de qualquer *gang* norte-americano – alguns aspiraram fazer parte – e chegando cá, encontrando características propícias para implementação desses grupos acabaram por criar grupos vivendo o que nunca tiveram e enriquecendo o imaginário dos jovens praienses com histórias carregadas de heroísmos. Alguns repatriados ex-*thugs* nos *ghettos* norte-americanos referiram isso nas conversas informais.

conquistas femininas, ou seja, ser *thug* não é moda é sobrevivência. É ser livre e poeta. A violência aparece só quando é necessária.

A busca da distinção é também sentida no vestuário. Obviamente, o *thug* que veste roupas de marcas popularizadas pela comunidade *hip hop*, sobressai mais do que a maioria que compra essas roupas no “iá”⁵³. Observa-se uma excessiva cultura de marca reproduzida nas sociedades contemporâneas.

Constata-se que esses grupos comportam adolescentes e jovens com idade compreendida entre os 15 e os 25 anos aproximadamente, com elevada taxa de insucesso escolar⁵⁴, com pouca ou nenhuma vigilância familiar ou comunitária e propícios a práticas delinquentes. Os grupos costumam ter, normalmente, em média 14 elementos⁵⁵. Os critérios de hierarquização do grupo são a idade, a posse de armas de fogo, a agressividade, a bravura, a experiência delincente e um cadastro policial.

Nota-se que possuir ou não armas e o tipo de arma possuído é um elemento primordial para ser chefe ou para a subida de posto dentro do grupo. O elemento idade, apesar de importante e representativo de sabedoria, cai para segundo plano caso um indivíduo mais novo tiver uma arma de maior calibre. *Á priori*, os indivíduos com mais idade, por terem um capital social que os permite ter maior acesso ao armamento que pulula pela cidade, permitindo-lhes aceder ao capital económico com maior facilidade, são eles os chefes.

Os grupos ou os *thugs* mais temidos são aqueles que possuem um maior arsenal bélico. A hierarquia bélica desses grupos está dividida da seguinte forma: primeiro, as armas de fogo industriais tais como 6.35, 32, 38, revólver, walthers, etc. segundo, as armas artesanais onde se destaca o *boka bedju*, e por último as armas brancas tais como facas, machados, gás pimenta, tacos de basebol, etc.

Quase todo o dinheiro proveniente das actividades ilegais cometidas – assaltos e pequenos tráficos de drogas – vão para o fortalecimento do arsenal bélico do grupo.

Há que referir que, no caso dos grupos *thugs*, constatou-se a existência de grupos compostos por crianças, que para o observador menos atento fazem parte da

⁵³ Nome dado aos espaços comerciais informais onde se vende roupas usadas provenientes dos Estados Unidos de América nos bidões.

⁵⁴ É de se referir que também se encontra elementos do grupo com o 3º Ciclo incompleto ou mesmo completo.

⁵⁵ Há relatos de guerras entre grupos rivais composto por mais de 50 elementos, mas o que realmente acontece é que, quando se luta contra bairros rivais, normalmente, os grupos locais se unem deixando cair as fronteiras grupais em prol da fronteira comunitária. Isto prova a forte pertença desses jovens à sua comunidade, por mais estigmatizada que ela esteja.

comunidade *thug*, mas que identificamos como sendo grupos *kasu bodi*, visto que ao contrário dos grupos *thugs* que tem como principal actividade o tráfico de drogas e a protecção territorial, esses grupos tem como actividade principal o roubo. Funcionam como academias juvenis onde serão recrutados futuros *thugs* conforme os *skills* apresentados e necessários ao grupo sénior. Normalmente, são grupos independentes dos grupos *thugs*, embora convivam no dia-a-dia com eles e a sua maior aspiração é serem reconhecidos pelos *thugs* mais velhos como sendo grupos de *thugs* ou convidados a associarem-se a eles. No processo de iniciação dos *thugs*, os mais jovens recebem ordens para assaltar ou fazer qualquer outro tipo de delinquência como forma de provarem vir a ser um bom soldado.

Devido à excessiva cultura de arma de fogo⁵⁶ no seio da comunidade em estudo, ao contrário do que se pensa⁵⁷, os ganhos com os roubos dos grupos *kasu bodi* são canalizados para a compra de armas como forma de serem aceites como *thugs*. No entanto, devido ao estigma que carregam patenteada na forma de se vestirem e de estarem na sociedade, a população em geral rotula-os de *thugs*. O termo banalizou-se acabando por descaracterizar-se, que hoje em dia, qualquer tipo de roubo é considerado *kasu bodi* e qualquer delinquente considerado *thug*.

Denota-se que esse estilo de vida, anteriormente importado dos *ghettos* norte-americanos, naturalizou-se no espaço social praiense e agora deslocou-se para o meio rural e para as outras ilhas, mais concretamente a ilha de São Vicente.

4.3 *Thugs*, associativismo e capital social negativo

Pode-se considerar estes grupos como sendo associações juvenis comunitárias não reconhecidas oficialmente, isto porque, constituem redes de indivíduos surgidos nos bairros desafiliados, com a particularidade de utilizarem a violência como forma de chamar a atenção, de buscar reconhecimento dos poderes públicos ou dos organismos não governamentais.

Contestar as condições de emergência das acções colectivas envolve a feitura de um inventário das políticas que permitem o seu surgimento, bem como as inúmeras

⁵⁶ Para alguns jovens pertencentes a gangs na ilha de São Vicente ser *thug* é ter armas e enquanto nesta ilha pode-se encontrar uma arma para o grupo todo, na cidade da Praia, encontramos a equação cada *thug* uma arma dentro de um grupo.

⁵⁷ Existe o discurso político e intelectual de que o lucro das suas actividades é direccionado exclusivamente à compra de drogas. Tende-se a confundir o delinquente individual motivado pelo vício com o *thug*, fruto dos *inputs* deixados pelos poucos estudos realizados sobre a delinquência juvenil.

circunstâncias que terão fornecido o quadro das possibilidades para que tal acção ocorra (Fillieule e Péchu citados por Biza, 2009). Neste caso, encravados numa situação social adversa – económica, espacial, social – ao associarem-se a outros na mesma condição social, portadores da mesma ideologia e engajados nos mesmos fins, as suas acções, apesar de disfuncionais, podem ser entendidas como a necessidade de dizerem-se presentes, na medida em que, possuem um capital social negativo.

De acordo com Portes (2000), torna-se forçoso chamar a atenção para a consequência negativa do capital social por duas razões: por um lado, procurando evitar o embuste de apresentar as redes comunitárias, o controlo social e as sanções colectivas como pura bênção e por outro, de forma a manter o seu estudo nos limites da investigação sociológica séria, evitando afirmações moralistas. Estudos sobre os capitais sociais identificaram pelo menos quatro consequências negativas deles derivados, que se podem encontrar nos membros destes grupos: exclusão dos não membros, exigências excessivas a membros do grupo, restrições à liberdade individual e normas de nivelação descendente.

Um dos pontos basilares de qualquer associação juvenil é a sociabilidade e a convivialidade dentro do grupo. Observa-se que o conhecimento interpessoal prévio entre os membros constitui um dos factores determinantes para a adesão ao grupo, uma vez que, a entrada é limitada quase exclusivamente a conhecidos, mostrando a importância das redes sociais primárias neste processo. Existe no seio destes grupos laços de afinidades e nota-se investimentos relacionais intensos e as interacções quotidianas comunitárias são reapropriadas pelos jovens para criar identificações mútuas na esfera pública. Tal como nas associações formais, estes jovens já interiorizaram estes mecanismos, dado que, só se aproximam dos grupos onde há jovens que lhe são próximos ou a quem se assemelham sob o ponto de vista sociológico.

Apesar de a amizade ser uma condição preponderante na adesão ao grupo, o facto de se fazer parte do circuito social – de conviver nos mesmos espaços – não é por si só garantia de entrada. É preciso antes um convite e para ser chamado a pertencer a grupos desse tipo, é necessário ter alguns *skills* e transmitir uma confiança ilimitada.

Segundo Biza (2000), os autores que trabalham o conceito associativismo defendem que na contemporaneidade, a aderência dos jovens às associações respeita um jogo de estratégias. Interessam-se por uma acção específica – por terem motivações específicas – num dado contexto temporal e espacial, esperando resultados concretos imediatos. A participação pode ser continuada ou não conforme os sentimentos psicológicos. O

mesmo se observa nos grupos *thugs*, onde a entrada no grupo está relacionada com as experiências e as expectativas individuais. Associam-se por razões práticas ligadas às situações por eles enfrentadas no seu dia-a-dia. Tal como a entrada dos jovens nas associações formais, alguns jovens devido ao contexto de desafiliação em que estão inseridos, encaram a sua entrada nesses grupos como uma forma de solucionar os problemas das privações e de obter algum reconhecimento social. Reconhecem igualmente a importância dessa associação em potenciar e consolidar a autonomia individual⁵⁸.

Apesar de não estarem formalizados nem serem reconhecidos como associações juvenis por não terem um estatuto e em termos jurídicos estarem na esfera da informalidade, as suas práticas para além de militarizadas, podem ser vistas como constituindo uma associação por razões expostas acima. O código do grupo funciona como estatuto. Nota-se que muitos grupos reinventaram novos códigos, enquanto outros tentam seguir na íntegra o código *thug life* criado por 2 Pac. Dois aspectos sobressaem na sua organização, que quanto a nós consolidam-nos como associações juvenis: agir – quer contra indivíduos quer na invasão de um território – apenas com a autorização do chefe ou por decisão da maioria, e participar nas reuniões semanais em espaços centrais do bairro.

5. Tipos de violência/delinquência

A observação no terreno suportada por entrevistas e conversas informais possibilitaram tipificar cinco tipos de violência/delinquência praticadas por esses jovens. A elaboração desta tipologia foi possível recorrendo à teorização da realidade encontrada no terreno e às teorias da delinquência desenvolvidas por Cusson (2007) e descritas por Xiberras (1993).

5.1 Violência como defesa

Constatou-se que esses jovens ao se posicionarem num dos lados da trincheira – processos de auto-desafiliação – e colocarem a sociedade do outro, considerada como inimiga, os seus ataques surgem como resposta à situação social em que foram obrigados a estar, isto porque, não se sentem integrados socialmente ou não se sentem

⁵⁸ Prova de que possuem as mesmas características do que as associações juvenis formais foi, a fácil integração de elementos de grupos *thugs* em associações comunitárias em Achada Grande Trás pela mão da Associação de Crianças Desfavorecidas (ACRIDES).

compreendidos e aceites por uma sociedade que, no seu entender, os quer reprimir⁵⁹. A delinquência defensiva surge com o objectivo de prevenir um ataque futuro e pode também ser por vingança, como forma de reparar um mal causado anteriormente. Há a necessidade de se protegerem dos grupos rivais de outros pontos do mesmo bairro ou dos bairros vizinhos, para controlo dos espaços de pequeno tráfico de drogas tais como as esquinas e as imediações das escolas secundárias.

Convém salientar que os confrontos com os bairros vizinhos são historicamente reproduzidos, na medida em que, desde sempre regista-se episódios de rivalidades entre bairros. Contudo, não nos níveis de violência actuais. A grande diferença é que as armas de fogo não eram utilizadas nesses confrontos⁶⁰.

Os jovens relatam casos de conflitos entre determinados bairros rivais da capital, o que faz com que a frequência nesses bairros seja evitada, caso dos bairros: Achadinha vs. Achada Santo António; Achada Grande Frente vs. Achada Grande Trás; Vila Nova vs. Moinho; Paiol vs. Lém Ferreira; Achada Mato vs. Coqueiro; Casa Lata vs. Monte Vermelho; etc.

Alguns jovens residentes em determinados bairros sofrem muitas vezes represálias nos bairros rivais mesmo que nada tenham a ver com essa realidade. Também os familiares dos *thugs* acabam por pagar pelos seus actos. Nesta tipologia pode igualmente integrar a violência contra as forças policiais⁶¹ e contra alguns indivíduos portadores de armas de fogo que residem no mesmo espaço.

5.2 Violência gratuita ou como lazer

Em muitos casos, os actos delinquentes surgem pelo simples prazer, com a finalidade de viver momentos intensos numa sucessão rápida de episódios excitantes de preenchimento de tempo livre e de divertimento. As aventuras por eles relatadas mostram a importância que dão a cada pormenor dos confrontos travados, dando a sensação de terem saído das grandes batalhas épicas conhecidas mundialmente.

Esse tipo de violência permite criar também um espaço cultural necessário à afirmação de identidades pessoais e sociais, que precisam ser reforçadas e reconhecidas, visto existir uma discrepância entre a identidade real (a que é), a social (a que os outros vêem neles), e a virtual (a que se aspira).

⁵⁹ Imitação literal dos comportamentos dos jovens desafiados dos lugares centrais da esfera mundial.

⁶⁰ É de realçar que não havia tantas armas de fogo nas mãos dos civis como agora.

⁶¹ Os agentes da polícia ou da PM que residem nesses bairros sofrem muitas vezes represálias.

5.3 Violência como forma de legitimação de poder

Reparou-se que alguns jovens utilizam a delinquência como forma de dominação, que consiste em cometer um delito com a finalidade de obter uma supremacia qualquer. Pode ser supremacia dentro do grupo ou da comunidade, onde são vistos como senhores e reis do bairro.

Muitas lutas travadas contra os outros grupos do bairro e contra outros bairros têm como finalidade maior, a legitimação do poder e a sustentação da admiração. O poder remete-nos ao termo *mi ki sta manda*⁶², muito em voga na Cidade da Praia, uma vez que, confere um *status* social. Como forma de sustentar esse *status* utilizam a violência para impor respeito propagando o medo.

5.4 Violência como factor de moda

Ser *thug* é ser macho. Ser violento e corajoso é ser macho. É esta a ideia representada nos *clips* e nas letras musicais do *hip hop* de consumo. Para muitos *thugs*, há uma preferência das mulheres pelos homens corajosos que as podem proteger, o que nos remete ao tipo violento. Esta imagem estimula o universo imaginário feminino o que faz com que alguns jovens que frequentam os mesmos espaços de convivência dos *thugs* invejem essa condição e queiram estar por momentos na pele de *thug*, como forma de ter as mulheres aos seus pés.

Muitos actos delinquentes servem para sustentar uma determinada moda e estilos de vida alternativos ligados à droga, ao álcool, a actos de vandalismos, a batalhas entre grupos, atraindo os jovens num dado momento, trazendo a sua valorização dentro dos grupos de pares, da comunidade e dos demais espaços sociais que frequentam.

5.5 Violência como forma de obter dinheiro

Vivemos hoje numa sociedade de consumo, onde o sucesso social é associado ao dinheiro e a ênfase está na apropriação do mesmo. Sendo assim, o acto delinvente surge por apropriação, como suplemento e como festa. Como suplemento na medida em que, sendo desprovidos de capitais e tendo interiorizado os objectivos comuns, a única forma de satisfazerem as suas necessidades e sonhos é através da apropriação dos objectos dos outros. Como festa porque o dinheiro é gasto muitas vezes em objectos supérfluos e isso está patente nos seus discursos. Para além das armas de fogo que

⁶² Utiliza-se este termo para se referir a alguém que tem todos aos seus pés e pode ser traduzida literalmente como “eu é que mando”.

consome a maior parte do orçamento do grupo por razões vistas anteriormente, as tecnologias, as drogas, as bebidas alcoólicas, as deslocações a outras regiões do país, consomem o restante do lucro ganho nas suas actividades.

Reflexões finais

Constata-se que os grupos *thugs* são heterogéneos e que a base que os sustenta é a delinquência, a solidariedade, a convivialidade, a música e a pertença comunitária, transformando-os em tribos urbanas com características de associações juvenis.

São ao mesmo tempo vítimas e agentes da violência, na medida em que o poder político e social, ao posicionarem-se como os principais reprodutores e utilizadores da violência, não lhes dão outras alternativas a não ser responder de forma violenta.

A entrega total aos grupos de pares deve-se ao processo de desafiliação a que estão sujeitos numa sociedade desigual e injusta, onde a família e a comunidade alienadas ao capital fruto das novas relações sociais emergentes não os conseguem conter.

O contacto com os repatriados enriqueceram o seu imaginário, o consumo de modas norte-americanas via novas tecnologias e as histórias dos jovens viajados acerca de acontecimentos observados/vivenciados nos Estados Unidos da América o reforçaram. O estilo de vida escolhido influenciado por essas histórias é interiorizado pelos mais novos que aspiram vir a ser como eles e as lutas desterritorializam-se para dentro e nas imediações das escolas secundárias. Mais tarde regista-se esse fenómeno noutras regiões da ilha, outras ilhas e Cadeia de São Martinho.

A história mostra-nos que os jovens cabo-verdianos sempre se organizaram em grupos associados a actos delinquentes em conjunturas diferentes e a indicação é que a moda *thug* passe espontaneamente e seja substituída por outras formas de delinquência, tendo subjacente a luta entre os que têm tudo contra os que nada têm.

O caminho poderá ser uma maior cooperação política e social na luta contra a desigualdade social – entendida como a causa principal do fenómeno -, despida de qualquer preconceito partidário e bairrista, contra o estado de impunidade no seio da classe dominante, e a aposta em políticas públicas down/top, onde os jovens são tratados como portadores da agencialidade e não como um corpo social indisciplinado, irresponsável e perigoso, logo, a ter de ser controlado pelo sistema e sujeitos a endourinamentos vários.

A política de reurbanização que consiste no aquartelamento da classe dominante em bairros distintos (guetização) deve ser repensada, dado que se está, inconscientemente, a

reproduzir e a consolidar o passado escravocrata e colonial – sobrado/funco -, incentivando novas formas de delinquência mais aprimoradas e violentas.

Bibliografia

- Araújo, Lídice (2004), “Música, sociabilidade e identidades juvenis: o manguebit no Recife”, em José Machado Pais e Leila Maria Blass (coord.), *Tribos urbanas: produção artística e identidades*, Lisboa, ICS, pp. 117-143
- Becker, Howard S., (1985), *Outsiders: Études de sociologie de la déviance*, Paris; Éditions A. M. Métailié
- Biza, Adriano Mateus (2009), « Jovens e associações em Moçambique: motivações e dinâmicas actuais », *Saúde e Sociedade*, nº 3, pp. 382-394
- Bourdieu, Pierre (2001), *Razões práticas: sobre a teoria da acção*, 2ª Edição, Oeiras, Celta
- Bourdieu, Pierre (2003), *Questões de sociologia*, Lisboa, Fim de século
- Bourgois, Philippe (2001), *En quête de respect: le crack à New York*, Paris, Seuil
- Capucha, Luís (1992), *Problemas da pobreza: conceitos, contextos e modos de vida*, Lisboa, ISCTE
- Castel, Robert (2006), “Classes sociais, desigualdades sociais, exclusão social”, em Casimiro Balsa, Lindomar Wessler Boneti e Marc-Henry Soulet (org.), *Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional*, Ijuí e Lisboa, Editora Unijui e CEOS, pp. 63-77
- Cusson, Maurice (2007), *Criminologia*, 2ª Edição, Cruz Quebrada, Casa das Letras
- Dayrell, Juarez (2003), “O jovem como sujeito social”, *Revista Brasileira de Educação*, nº 24, pp. 40-52
- Fernandes, Gabriel (2008), *Jovens em conflito com a lei*, Praia, Ministério da Justiça
- Ferreira, Pedro Moura (2000), “Infracção e censura – representações e percursos da sociologia do desvio”, *Análise Social*, nº 151-152, pp. 639-671
- Fillieule, Renaud (2001), *Sociologie de la délinquance*, Paris, Presses Universitaires de France
- Instituto Nacional de Estatística (2002), *Perfil de pobreza em Cabo Verde: inquérito às despesas e receitas familiares – 2001/2002*, Praia, INE
- Lopes de Oliveira, Maria Cláudia, Adriana Camilo e Cristina Assunção (2003), “Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças”, *Temas em Psicologia da SBP*, nº 1, pp. 61-75

- Mariano, Gabriel (1991), *Cultura caboverdeana: ensaios*, Lisboa, Vega
- Martins, Filipe (2009), "The Places of Youth in Urban Cape Verde", em Fernando Cruz e Júlia Petrus Cruz (orgs.), *Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural (Actas do VI Congresso Internacional)*, Porto, AGIR – Associação para a investigação e desenvolvimento sócio-cultural
- Martins, Filipe (2010), "O paradoxo das oportunidades: jovens, relações geracionais e transformações sociais – notas sobre Cabo Verde", *Working Paper CRIA 4*, Lisboa
- Merton, Robert K. (1970), "Estrutura social e anomia: revisão e ampliações", em Ruth Nanda Anshen (org.), *A família: sua função e destino*, Lisboa, Editora Meridiano
- Ministério das Finanças e do Planeamento (2004), *Documento de estratégia de crescimento e de redução da pobreza*, Praia, Direcção Geral de planeamento
- Ministério das Finanças e do Planeamento (2004), *Política nacional de população de Cabo Verde – 2004/2005*, Praia, Direcção Geral de planeamento
- Ministério das Finanças e do Planeamento (2008), *Documento de estratégia de crescimento e de redução da pobreza*, Praia, Direcção Geral de planeamento
- Ministério das Finanças e do Planeamento (2004), *Objectivos do milénio para o desenvolvimento – relatório 2004 (Cabo Verde)*, Praia, Direcção Geral de planeamento
- Pais, José Machado (1996), *Culturas juvenis*, Lisboa, Imprensa nacional – Casa da moeda
- Pais, José Machado (2005), *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*, 2ª Edição, Porto, Ambar
- Portes, Alejandro (2000), "Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea", *Sociologia – Problemas e Práticas*, N°33, pp. 133-158
- Sebastião, João (1996), "Crianças de rua: marginalidade e sobrevivência", *Sociologia – Problemas e Práticas*, n° 19, pp. 83-107
- Sebastião, João (1998), *Crianças de rua: modo de vida marginal na cidade de Lisboa*, Oeiras, Celta editora
- Varela, Aquilino (no prelo), "A violência em Cabo Verde: entre a fantasmagoria da história, a desterritorialização das tensões sociais e novos agenciamentos", *apresentado no Colóquio Segurança e Violência em Cabo Verde*, Assomada, Universidade de Santiago
- Xiberras, Martine (1993), *As teorias da exclusão: Para uma construção do imaginário do desvio*, Lisboa, Instituto Piaget